

Urucongo: Uma história de arte e cultura no Cariri Cearense

Na comunidade Chico Gomes, distante 8 quilômetros da sede do município de Crato, um grupo de jovens dá exemplo que através da mobilização social é possível mudanças positivas. A comunidade é composta por 47 famílias, que se distribuem numa área na encosta da Chapada do Araripe voltado a atividades agropastoris. Tendo portanto o acesso a terra como maior desafio.



Nesse ambiente, em meados de 2001, um grupo de jovens se reúne para organizar uma quadrilha junina, a primeira de muitas. A partir de então se reuniam nos períodos que antecediam as festas juninas para planejamento dos festejos, incluindo as temáticas a serem trabalhadas. Nesses momentos surgiam, além dos assuntos relativos à quadrilha, outros de interesse da comunidade, como acesso à terra, à água, segurança alimentar, revitalização da cultura local e regional, trabalho escravo, articulação com outras organizações, entre outros. Como os encontros se encerravam com a realização da quadrilha, os temas não eram aprofundados.

Nasce então a necessidade de algo mais concreto, dando origem em 2006, ao Grupo Urucongo de Artes. A escolha do nome, que significa berimbau, simboliza o resgate do movimento cultural que acontecia na comunidade antes da chegada do latifúndio nesta localidade. O grupo que somava aproximadamente 50 pessoas foi reduzido a 16 jovens comprometidos com a mobilização social. "Não tínhamos noção da ação política do grupo dentro da nossa realidade. Trabalhávamos na quadrilha temas como o Caldeirão (comunidade autossustentável liderada pelo beato José Lourenço, acusados de serem comunistas em 1936) que fazia refletir sobre diversas questões, como acesso à terra, embora de forma superficial. Quando passou a Urucongo, percebemos o tanto que podíamos aprofundar", conta Ana Cristina, 25 anos, na época com 13 anos.



Manoel Leandro, de 35 anos, acrescenta: "tudo começou a partir de uma brincadeira que foi ficando séria e despertou a necessidade de aprofundar todas essas questões...". Dedicaram-se a pesquisar a história local, a buscar parcerias para capacitações e formação política no sentido de se fazerem reconhecer como sujeitos de sua história. Logo em seguida foi realizada em parceria com a Rede Mulher uma oficina de confecção de instrumentos musicais, religando com a história da cultura local, pois, segundo relatos, passou a ser comum ouvir ao amanhecer do dia o som de



instrumentos junto com o barulho da enxadas nos roçados. Com essas iniciativas, houve reconhecimento local, regional e até nacional.

Em 2009 foram contemplados com o prêmio “Culturas Populares” do Ministério da Cultura, viabilizando a compra de um terreno nos arredores da comunidade, em que foi agregado o Projeto Solares, uma rádio difusora, casa de sementes e um viveiro de mudas do P1+2. No ano de 2012 concorreram ao Prêmio Odair Firmino de Solidariedade com o tema “Juventude, Desenvolvimento e Solidariedade: Semeando Direitos, Colhendo Vidas”- (Cáritas), alcançando a primeira colocação e a premiação de R\$ 10.000,00, recurso destinado a bolsa para jovens cuidar da mandala e fazer formações para o turismo de base comunitária. Ainda em 2012, realizaram a primeira Balada Côco, evento cultural que passou a fazer parte do calendário do grupo, como também a revitalização do trabalho das meizinheiras, em reconhecimento ao apoio dado pelas mães destes jovens. Em parceria com a Cáritas, ICMBio e IFCE, e associados a outras duas comunidades, Batateiras e Jenipapo, enriqueceram o projeto das Meizinheiras com a produção e comercialização de chás, banhos, lambedores, sabonetes e pomadas. Tiveram também este ano a primeira experiência de turismo de base comunitária, como mais uma possibilidade de geração de renda.

Ivonildo (24) profetiza: “o futuro do Urucongo é fazer do Chico Gomes, a nossa comunidade, o nosso local de trabalho e fonte de renda, pois os jovens veem o grupo como uma fase momentânea, não consegue ver ainda a continuidade para o futuro, mesmo com todas as vitórias”.

Como nem tudo é flores, os jovens estão conscientes que seu principal desafio é trazer de forma mais ampla o debate do direito de acesso a terra, já que as gerações anteriores têm características pacíficas, resultado de marcas na memória de pressões sofridas no passado. “Historicamente a comunidade está submissa as questões agropastoris através dos anos, e pretendemos *tirar a venda dos olhos da comunidade*, fazendo-os enxergar a realidade”, pois “o não empoderamento da terra, nos impossibilita de acessar várias políticas públicas”, acrescenta Manoel Leandro.



Manoel destaca ainda o apoio das instituições parceiras, em especial da Associação Cristã de Base (ACB) no início da mobilização, como também Cáritas, Rede de Educação Cidadã (RECID), Rede Mulher, ICMBio, IFCE, Grunec, UFCA, Fórum Araripense de Combate a Desertificação.

Para Rosely, 26 anos, mãe de Heitor (1 mês), a institucionalização do grupo é um passo fundamental para os sonhos que querem realizar, contribuindo para a construção da realidade de que no Semiárido Brasileiro é possível promover a melhoria da qualidade de vida dos agricultores e agricultoras familiares.



Realização



Articulação Semiarido Brasileiro

Apoio

